

INSTITUTO JUNGUIANO DE SANTA CATARINA – IJUSC

Paper apresentado à Diretoria de Ensino do IJUSC como pré-requisito para avaliação semestral do processo de Formação para Analista Junguiana

Candidata: Jussara Veiga Silva Zardo *

Paper 1 – Florianópolis, 22 de março de 2021

O LEGADO DE CARL GUSTAV JUNG: UM NOVO PARADIGMA PARA A COMPREENSÃO DA ALMA HUMANA

Em termos históricos, sabemos que foi necessário árduo empreendimento dos precursores, para que a psicologia surgisse como uma ciência independente. Esta ciência busca a compreensão do ser humano, e tem como intuito a promoção do autoconhecimento, de forma que o indivíduo possa lidar melhor com as situações e os desafios que a vida apresenta. Este *paper* tem como objetivo, apresentar de forma concisa nossa compreensão a respeito do paradigma junguiano, reconhecendo sua abrangência. Vale ressaltar que entre os diversos campos de atuação da psicologia, na área clínica nos deparamos com um leque de abordagens, entre elas, a psicologia profunda, vertente que considera os conteúdos inconscientes, e que também se ramifica entre a psicanálise (freudiana) e a psicologia analítica (janguiana).

Ao abordamos o tema inconsciente, devemos lembrar que este conceito foi formulado por Carl Gustav Carus (1789-1869). De acordo com Jung, “Carus ao apresentar a ideia do inconsciente, possibilitou a construção da ponte filosófica para uma futura psicologia empírica”. (JUNG, OC 14 § 446). Sigmund Freud (1856-1939) reconhece o inconsciente de uma forma psicodinâmica, que se revela na histeria, apresentando assim uma visão experimental. Carl Gustav Jung (1875-1961), ao desenvolver sua teoria, amplia este conceito, trazendo além do inconsciente individual, a ideia do inconsciente coletivo.

Quanto ao conceito de inconsciente pessoal, há diferenças básicas entre as formas de pensar de Freud e Jung. Para Freud o inconsciente é um produto do desenvolvimento da consciência (recalques, repressões, esquecimentos etc.). “De acordo com essa teoria, o inconsciente contém apenas as partes da personalidade que poderiam ser conscientes se a educação não as tivesse reprimido”. (JUNG, OC 7/2 § 203). Para Jung “[...] o inconsciente também inclui componentes que ainda não

alcançaram o limiar da consciência. Constituem eles as sementes de futuros conteúdos conscientes”. (JUNG, OC 7/2 § 204). Para Jung, “pode-se pensar, sentir, lembrar, decidir e agir inconscientemente, tudo que acontece no consciente também pode – sob certas condições – acontecer *inconscientemente*.” (JUNG, OC 10/3 § 50). Pressupomos então, que a teoria junguiana atribui autonomia ao inconsciente, um caráter de personalidade, *alguém que pensa, que sente, que deseja etc.*

As diferenças teóricas entre os dois pensadores da psicologia profunda foram se evidenciando à medida em que Jung desenvolve sua teoria. Porém, a história nos conta que houve um período (entre 1907 e 1912) de aproximação e parceria entre eles. Quando Freud e Jung se encontram (março de 1907), Jung ocupava uma posição acadêmica, tendo inclusive o Teste de Associação de Palavras como produção científica reconhecida, de onde surgiu o conceito de *complexo*, uma de suas primeiras contribuições para a psicologia, e Freud estava às margens da Academia. Com o passar do tempo, acontece uma inversão, a psicologia junguiana se afasta e a psicanálise se insere na Academia. Isto porque os pressupostos científicos dominantes, não se mostravam abertos o suficiente para responder as demandas subjetivas propostas por Jung. Nas palavras de Jung:

A psicologia freudiana se movimenta dentro dos estreitos limites dos pressupostos científicos materialistas do final do século XIX e nunca prestou contas sobre suas premissas filosóficas o que, naturalmente, está ligado à formação filosófica insuficiente do próprio mestre. (JUNG, OC 15 § 70).

Assim sendo, o campo junguiano se colocou como independente da Academia para formação de si, tendo uma organização à parte, constituída de uma Organização Internacional de Associações e diversos Institutos, onde a produção de livros e artigos é realizada e consumida dentro da própria comunidade, possuindo uma orientação clínica. A formação do analista junguiano é orientada para a prática clínica e os critérios que modulam o pensamento junguiano se relacionam à eficácia do próprio terapeuta e atendimento aos seus clientes (SERBENA, 2020).

Como candidata à formação de analista junguiana, programa que contempla o estudo detalhado e aprofundado da teoria em questão, verificamos, logo no primeiro semestre, o quanto a história de vida de Carl Gustav Jung está entrelaçada com a gênese de sua obra. Costumamos dizer que Jung foi um homem à frente de seu tempo. Desde as fases iniciais (psiquiátrica e psicanalítica), podemos reconhecer em seus escritos, uma visão de mundo (ou paradigma) provocativa à emergência de um

novo método que compreendesse o homem de forma integral e não mais separada (mente / corpo) como no paradigma cartesiano.

Paradigmas no âmbito do conhecimento foi uma proposta elaborada por Thomas Kuhn (1922-1996), físico e historiador da ciência neopositivista, como sendo um modelo que integra ontologia, epistemologia e metodologia, servindo de base e orientando trabalhos científicos, tanto na prática como na realização de pesquisas. Muito da crítica que se faz às ideias de Jung está baseada numa ciência que ainda não tinha chegado na Teoria da Complexidade, usada atualmente em diversas áreas do conhecimento. A referida teoria propõe uma abordagem multidisciplinar para a construção do conhecimento. Esta nova tendência no campo das ciências surgiu somente a partir da segunda metade do século XX, como forma de questionamento à concepção vigente. Segundo Penna:

Os primeiros germes dessa mudança, entretanto, datam do século XVIII, com a filosofia kantiana, cujos fundamentos rompem com a tradição cartesiana. No pensamento de Kant encontram-se as primeiras tentativas de relativização dos métodos científicos de caráter racional, empírico e lógico e, no panorama ocidental, vários movimentos filosóficos se sucedem nessa direção, desde Kant até os dias atuais. [...] A filosofia romântica está na raiz da psiquiatria dinâmica que deu origem à psicologia profunda e à Psicologia Analítica de C. G. Jung. (PENNA, 2004).

A complexidade do pensamento junguiano é compatível à complexidade da psique. Nesta abordagem, o termo alma é utilizado em lugar de psique, principalmente quando se faz necessário destacar os processos psíquicos que emergem do inconsciente. Para Jung: “A alma é cheia de ciladas e armadilhas para que o homem tombe, caia por terra, nela se emaranhe e fique preso, para que a vida seja vivida”. (JUNG, OC 9/1 § 56). Reconhecendo a teoria junguiana como finalista, compreendemos que tudo o que vivemos tem uma finalidade; ou seja, nos move até onde precisamos chegar. O desenvolvimento é um *processo* que não tem limites, ele está sempre acontecendo, movendo, ampliando, levando à complexidade do desenvolvimento de uma consciência, que nos permite estar no nosso *processo de individuação* em termos prospectivos. Quando nos damos conta, estamos envolvidos com determinadas situações, com experiências de vida que se tornam importantíssimas, onde somos levados de acordo com a vontade do *Self*.

O inconsciente e a consciência formam um par de opostos que compõe a totalidade da psique. Este é um ponto fundamental do pensamento junguiano,

transformamos em elementos opostos até mesmo coisas que não são opostas – por exemplo: quente e frio – não existe quente e frio, o que existe é uma escala contínua de temperatura, mas precisamos da oposição para compreender as coisas; nossa consciência é dual, tudo o que sabemos é em relação a alguma coisa. Todavia, os opostos se complementam, um não vai existir sem o outro, e assim é o nosso mundo interno e externo. Podemos dizer que todo pensamento consciente tem um componente inconsciente, que não existe uma separação e sim uma continuidade entre as coisas. O componente desconhecido costuma ser maior que o conhecido, e não pode ser verbalizado, já que nem conhecido ele é, mas ao mesmo tempo, como contém uma força afetiva, ele precisa se expressar para o mundo, e faz isso através do símbolo.

Outra premissa teórica que embasa esta teoria é que Jung não se fixa na causa (no trauma); ele tem uma visão prospectiva, construtiva-finalista, busca a síntese da vida, da estrutura da pessoa, das combinações feitas dentro do indivíduo, da dinâmica psíquica. Como profissionais da área sentimo-nos convidados a debruçar sobre a teoria para uma maior compreensão de si, do outro e a possibilidade de realização do nosso propósito. Conforme Jung:

[...] a alma é uma forma de ser com propriedades pesquisáveis, podendo por isso ser objeto de uma ciência experimental; que ela não está apenas suspensa em alguma coisa exterior, mas possui interioridade autônoma; que não representa apenas a consciência do eu, mas tem uma existência que, no essencial, só pode ser desvendada indiretamente. (JUNG, OC 5 § 113).

Entre as técnicas e métodos adotados para pesquisar a alma, temos uma série de recursos a nossa disposição, que vamos explorando à medida da nossa experiência e do próprio processo de individuação. Entre eles temos: análise de sonhos, imaginação ativa, *sandplay* (caixa de areia), tear de palavras e recursos expressivos (desenhos, trabalhos com argila etc.). O objetivo do psicoterapeuta deve ser que o paciente cresça para além do seu problema. Quando a pessoa se transforma, a psicodinâmica da vida dela se modifica. Para Jung:

A alma, provavelmente, não se importa com as nossas categorias de realidade. Parece que para ela é *real* tudo o que antes de mais nada é *eficaz*. Quem quiser sondar a alma, não pode confundi-la com o seu consciente, senão acabará ocultando o objeto da pesquisa a seus próprios olhos. [...] nada seria mais incomensurável do que medir a realidade anímica pelos nossos padrões conscientes. (JUNG, OC 16/1 § 111).

No legado deixado por Jung, reconhecemos em seus textos uma preciosidade que se revela no valor prático de cada palavra, uma vez que, integra conhecimentos antigos (por exemplo, mitologia, alquimia e religião) e contemporâneos. Além disso, Jung apresenta-nos uma visão prospectiva, buscando e reconhecendo o sentido da vida. A teoria junguiana se apresenta como uma visão sistêmica, não estrutural. Esta condição favorece a interdisciplinaridade, que pode ser constatada através do diálogo estabelecido e referências citadas por profissionais de outras áreas, ultrapassando os limites da psicologia científica.

Pensar e buscar a compreensão da alma humana pela ótica junguiana requer aproximação desta ciência com outras áreas do saber, como a arte, a filosofia e a religião. Se escolhermos (ou fomos escolhidos) por esta abordagem vislumbramos a possibilidade de encontrar nossa equação pessoal dentro do vasto campo que a teoria junguiana nos oferece.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

JUNG, Carl Gustav. **Símbolos da transformação OC 5**. 9. ed. – Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. **O eu e o inconsciente OC 7/2**. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo OC 9/1**. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. **Civilização em transição OC 10/3**. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. **A prática da psicoterapia OC 16/1**. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. **O espírito na arte e na ciência OC 15**. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. **Mysterium coniunctionis OC 14/2**. Petrópolis: Vozes, 2012.

PENNA, Eloisa M. D. O Paradigma Junguiano no Contexto da Metodologia Qualitativa de Pesquisa. **Psicologia USP**, São Paulo, 16(3), p. 71-94, 2004.

SERBENA, Carlos Augusto (org.). **Diálogos da psicologia analítica na pesquisa**. – Dados eletrônicos – Curitiba: Ed. UFPR, 2020. 1 arquivo [218 p.]: il. – (Pesquisa; n.379).

REFERÊNCIAS CONSULTADAS

BECCARI, Marcos Namba. **ARTICULAÇÃO SIMBÓLICA – Uma abordagem junguiana aplicada à Filosofia do Design**. Dissertação (Mestrado – Curso de Pós-graduação em Design) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012. Disponível em: <https://www.cidadefutura.com.br/wp-content/uploads/BECCARI-Marcos.-Articula%C3%A7%C3%A3o-simb%C3%B3lica-uma-abordagem-junguiana-aplicada-%C3%A0-Filosofia-do-Design.Tese.-UFPR-2012.pdf>. Acesso em: 19 fev 2021.

MOREIRA, Adailson. A psicologia científica e o paradigma junguiano. Cadernos Junguianos./Associação Junguiana do Brasil. – v.12, n. 12, setembro 2016. São Paulo: **AJB**, 2016 v.; il.; 23 cm.

SHAMDASANI, Sonu. **Jung e a construção da psicologia moderna: o sonho de uma ciência**. Aparecida: Ideias e Letras, 2006.

* **Jussara Veiga Silva Zardo** é psicóloga clínica e candidata a analista junguiana pelo Instituto de Psicologia Analítica de Santa Catarina (IJUSC). Graduada pela Universidade de São Paulo (UNIP) e especialista em Psicologia Analítica pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL).

E-mail: jussara.veiga@hotmail.com / jussaraveiga.psi@gmail.com